

ORGANIZAÇÕES QUE ACONTECEM: UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS DA FEIRA LIVRE DE CAMPO GRANDE

Tatiane Alves Ferreira (UFES) - tatianeaff@hotmail.com

Vinícius Medina Módolo (UFES) - vin.modolo@gmail.com

Resumo:

O artigo tem por objetivo descrever os arranjos de processos organizativos da Feira Livre de Campo Grande no município de Cariacica/ES e compreender como se dão as transformações espaciais por meio das suas práticas. Com uma abordagem exploratório-descritiva e com a técnica de observação, a feira foi pesquisada durante o mês de maio de 2016. Os dados possibilitaram a identificação de quatro processos organizativos: preparação, montagem, venda e encerramento. Identificou-se que, por meio das práticas desse organizar, a Feira Livre de Campo Grande se aproxima das propostas conceituais da abordagem de malhas de práticas e arranjos materiais dentro da perspectiva de organizing. Além disso, descreveu-se como a avenida que recebe a feira pode ser entendida como lugar, e como esta se transforma em espaço sob a visão de Michel de Certeau.

Palavras-chave: *Feira Livre; Organizing; Estudos Organizacionais; Espaço.*

Área temática: *GT-02 O Lugar do Espaço nos Estudos Organizacionais: Espacialidades, Materialidades, Territorialidades*

1 Introdução

Cariacica, município da Região Metropolitana da Grande Vitória no Espírito Santo, semanalmente recebe um *espetáculo* em um dos seus bairros. Motoristas que passam pela BR 262 podem rapidamente ver parte do que os moradores assistem de forma *completa* em todas as manhãs de domingo: a Feira Livre de Campo Grande.

Para a comercialização dos mais variados produtos a céu aberto, a principal avenida do bairro (e, talvez da cidade) é interditada em parte da sua extensão, em todas as noites de sábado, para o início do processo de preparação dessa tão conhecida e bem sucedida feira livre.

No Brasil, as feiras livres são uma das mais antigas formas de varejo (MALUF, 1999), com presença em diversos centros urbanos e com papel significativo na venda de verduras, legumes e frutas (FORMAN, 1979). Na feira do bairro Campo Grande, essa variedade é acrescida ainda de carnes e peças de vestuário por exemplo.

Ainda no quesito de importância, Ângulo (2003), destaca que feiras livres influenciam na melhoria de vida de pessoas, tanto devido à obtenção de renda pelas famílias quanto pelas representações das feiras como espaços de socialização.

O interesse de o objeto de estudo ser uma feira livre se dá em função de sua complexa natureza, temporalidade e dinâmica; e, em especial, o olhar sobre a Feira Livre de Campo Grande foi motivado por sua tradição no município e pelo fato de esta agregar feirantes de municípios próximos, além comportar *fregueses* não somente do bairro Campo Grande, mas de todo o município de Cariacica e entorno. Além disso, é curiosa a aparente aceitabilidade da população frente aos *transtornos* causados pela feira, tais como a interdição de uma importante avenida que dá acesso a uma rodovia federal ou mesmo o barulho durante todo o acontecimento da feira.

Nessa perspectiva, questiona-se: quais são os aspectos de apropriação de espaço da Feira Livre de Campo Grande? De que forma suas práticas transformam a espacialidade dessa região? Como se dão os processos de sua organização?

Assim, o objetivo geral dessa pesquisa é descrever os arranjos de processos organizativos da Feira Livre de Campo Grande e compreender como se dão as transformações espaciais por meio das suas práticas. Os objetivos específicos são: descrever cada *etapa* da organização da feira; verificar de que forma os materiais (humanos e não humanos) suportam as práticas organizativas durante seu acontecimento; identificar se a malha de práticas inclui somente agentes diretos (feirantes e fregueses) ou se engloba outras organizações; e identificar os atributos que interferem na transformação *lugar-espaço*.

Deixa-se claro aqui que os termos utilizados nos objetivos acima possuem um embasamento teórico específico que será apresentado nas próximas seções.

Destarte, além da primeira seção (esta introdução), este trabalho se organiza da seguinte forma: na Seção 2, foram feitas breves considerações a respeito da importância das feiras nos espaços urbanos; na Seção 3, abordaram-se os conceitos de *organizing* para o auxílio de um *repensar* sobre as configurações tradicionais de organização; na Seção 4, foi trazida a visão de Michel de Certeau (1998) sobre os espaços na vida cotidiana; na Seção 5, foram apresentados os procedimentos metodológicos para o desenvolvimento dessa pesquisa; nas Seções 6 e 7, os dados foram analisados e interpretados à luz do referencial teórico; e, por fim, na Seção 8, busca-se a compilação dos resultados da pesquisa bem como suas contribuições e limitações.

2 Feiras livres: uma breve consideração

O andar por pequenas cidades (rurais) brasileiras pode revelar observações de elementos comuns entre tais. Talvez uma igreja próxima a uma praça, uma pequena escola de educação infantil, um campo de futebol e áreas de cultivo podem construir um estereótipo de comunidades de essencialidade rural. Apesar de não se pretender aqui fazer grandes assertivas sobre essas configurações, é sabido que alguns comportamentos nessas localidades se assemelham em muitos aspectos. A ligação entre famílias por meio de trocas de produtos como legumes e verduras, a venda destes no *centro da cidade*, ou a reunião de agricultores em cooperativas podem ser citados como exemplo dessas observações comuns (SILVESTRE, RIBEIRO e FREITAS, 2011).

Tão comum como a presença desses comportamentos é ver nessas regiões, ou a partir delas, a formação de feiras livres que dão escoamento aos produtos rurais supracitados. De acordo com Ribeiro *et al* (2005), quanto menor for uma cidade, maiores as possibilidades de geração de impacto pelas feiras. Para eles, há vários beneficiários nesse processo: os produtores, que garantem a comercialização dos seus produtos; os clientes, pela possibilidade de se abastecerem com certa regularidade; e os varejistas do entorno, que, com o término da feira, também expõem bens de consumo à *clientela* posta naquele local.

Apesar dessa consideração a respeito de pequenas cidades, é notório que as feiras livres não se restringem a essas comunidades; pelo contrário, nas regiões metropolitanas também é possível observar esse tipo de organização. De fato, Silvestre, Ribeiro e Freitas (2011) comentam sobre a capacidade que feiras livres têm de fazer (e de ser) uma integração entre a cidade e o campo. Além disso, os autores explicam que essas feiras atraem produtores intermediários, e que, no geral, todos – produtores e consumidores – precisam se submeter a regras implícitas e explícitas.

Assim, descreve-se brevemente aqui um complexo que agrega, quase que indefinidamente, diversos elementos de uma organização, tais como vendedores, clientes, produtos ou transporte; e termos como negociação, regras, relações e ordem. Talvez se esses elementos e termos fossem lidos isolados de um contexto, poder-se-ia supor que o objeto a ser estudado se tratasse de uma organização formal. Entretanto, uma feira possui alguns atributos que a fazem se assemelhar muito pouco com esse tipo. A próxima seção tratará dessa questão.

3 Organizações são ou acontecem?

Desenvolver um estudo em uma feira requer a compreensão sobre quais aspectos permeiam esse tipo de organização; aliás, deve-se refletir se uma feira é uma organização nos *moldes tradicionais* ou se há e quais são as especificidades que a distinguem de um modelo formal. Nesse sentido, Souza, Costa e Pereira (2015) comentam sobre a necessidade de se problematizar o tema sem que a discussão se limite a falar de empresas e indústrias. Os autores defendem que organizações devem ser estudadas sob uma abordagem construcionista, cuja análise é feita sem considerar que objetos, sentidos, significados, *realidades* e *verdades* existam *a priori*. Nessa abordagem, considera-se que esses elementos são socialmente construídos.

Sob essa consideração, busca-se um embasamento para esta pesquisa nos estudos a respeito do conceito de *organizing* que, de acordo com Czarniawska (2008b *apud* DUARTE, ALCADIPANI, 2016), foi introduzido no campo de estudos organizacionais por Karl E. Weick, em 1969. A argumentação de Weick se concentrou no caráter processual das organizações, que seriam mais bem compreendidas se deixassem de serem vistas como

entidades rígidas e estáticas, e fossem observadas por seus atributos de prática, de fluxo constante (CZARNIAWSKA, 2008b *apud* DUARTE, ALCADIPANI, 2016).

Sob essa perspectiva, Chia (1995 *apud* DUARTE, ALCADIPANI, 2016) comenta sobre uma ontologia alternativa à ideia do *ser* para a observação dos fenômenos organizacionais. O *vir a ser* ou o *tornar-se* compõe então o entendimento de que o nome *organização* existe somente enquanto resultado de transformações contínuas do *organizing* (CHIA, 1995; 1996; COOPER, LAW, 1995 *apud* DUARTE, ALCADIPANI, 2016).

Essa visão, de acordo com Duarte e Alcadipani (2016), possui abordagens que se alinham à ontologia do *tornar-se* e dão suporte às pesquisas que objetivam a adoção da perspectiva do *organizing* para a compreensão processual de organizações. Das abordagens destacadas pelos autores, dar-se-á foco, aqui, à *malha de práticas e arranjos materiais*.

Essa abordagem é defendida por Schatzki (2005 *apud* SCHATZKI, 2006), que argumenta que uma organização é um fenômeno social como vários outros, e que, semelhantemente a estes, trata-se de um conjunto de *práticas e arranjos materiais*.

Ele explica que *práticas* são um complexo de ações espaço-temporais que se organizam a partir de compreensões a cerca de como se realizam certas atividades; de regras, que podem ser observadas ou mesmo desprezadas; de uma gama de objetivos, projetos, ações e emoções, que podem ser aceitáveis para os participantes ou determinados por eles; e, de entendimentos comuns sobre como se dão as próprias práticas (SCHATZKI, 2006).

Já ao mencionar *arranjos materiais*, Schatzki (2006) se refere ao que ele chama de montagem de objetos materiais, os quais podem incluir pessoas, artefatos, organismos e coisas. Tais objetos se tornam indispensáveis, uma vez que, no desdobramento de uma prática, geralmente há o uso de um conjunto particular de instrumentos ou, no mínimo, o exercício de uma prática é tido em um ambiente composto por entidades materiais (SCHATZKI, 2002; 2005 *apud* DUARTE, ALCADIPANI, 2016).

Dessa forma, para se compreender uma organização, é necessário olhar para esta enquanto uma configuração de práticas inter-relacionadas que ocorrem em meio a ordens de materiais interconectados (SCHATZKI, 2006).

É nesse aspecto que se vê no texto de Schatzki (2006) a construção do conceito de organização como algo que acontece, aproximando-se bastante à ideia de evento. As ações são performances; elas acontecem. A organização, portanto, é o acontecimento, a execução de suas próprias práticas, tendo, muitas vezes, o suporte de arranjos materiais.

Ainda dentro dessa compreensão, Schatzki (2006) destaca quatro aspectos que fortalecem a concepção de organizações como *acontecimento*. O primeiro se refere ao *tempo real das organizações*, que o autor divide entre *tempo real objetivo*, quando a performance da ação possui uma posição antes ou depois de um evento – o desdobramento de ações, e o *tempo real teleológico*, quando o passado, o presente e o futuro são agrupados numa atividade, isto é, a ação é considerada desde seu início até o seu fim. O segundo aspecto é a *memória organizacional*, que envolve desde a persistência de uma estrutura de práticas do passado ao presente – fruto da memória de práticas – até a memória cultural e coletiva, referente ao conhecimento da organização transmitido entre os membros ao longo do tempo. O terceiro aspecto se relaciona à medida que as ordens materiais suportam a organização como acontecimento; e o quarto e último, à influência da infraestrutura no suporte ao acontecimento e memória da organização.

Dessa forma, o autor sugere que estudos que almejem compreender uma *organização como algo que acontece* (como um processo) devem: identificar as práticas de organizar; identificar a malha de práticas e arranjos na qual essas atividades se inserem; verificar se há conexões com outras malhas, sejam de outras ou sejam da mesma organização; e descrever as cadeias de ação de agentes humanos e não humanos que passam pelas práticas, verificando se

estes fortalecem ou alteram as características atuais do fenômeno de interesse (SCHATZKI, 2003; 2005 *apud* DUARTE, ALCADIPANI, 2016).

Para Duarte e Alcadipani (2016), a abordagem *malha de práticas e arranjos materiais* auxilia o estudo do organizar (*organizing*), visto que a análise da realização de ações e atividades bem como o suporte material revelam o caráter processual dessa perspectiva. Assim, sob essa de ótica de processos, conclui-se que as organizações contemporâneas já não se enquadram em um modelo que as torna fixas e acabadas. Pelo contrário, as fronteiras das estruturas são eliminadas e tem-se uma abertura, por exemplo, para atuações com outras organizações, governo e comunidade (SOUZA, COSTA e PEREIRA, 2015).

Ora, se as fronteiras estruturais deixam de existir, provocando relações além do *limites tradicionais* e reforçando a ideia de organização como um *resultado* de um *organizar*, cabe a reflexão sobre como esse *fazer constante* opera sob o aspecto espacial. Em outras palavras, se a organização *não existe como um ser*, mas sim, *acontece*, também se permite repensar a visão tradicional a respeito de *instalações físicas*.

Nessa discussão, não há uma necessidade exclusiva de *colocar* uma organização em *quatro paredes*; pelo contrário, surgem possibilidades de se pensar *onde mais* ela poderia acontecer, isto é, a reflexão está em compreender como os processos – as práticas – se dão em determinados espaços; e, ao usar-se esse termo, faz-se referência aqui à visão de Certeau (1998), que será exposta na próxima seção.

4 Do lugar ao espaço

No livro “A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer”, de Michel de Certeau (1998), o autor se desafia a abordar o assunto de práticas cotidianas, admitindo que estas estão sob a dependência de um campo de difícil delimitação, o qual, inicialmente, ele denomina *conjunto de procedimentos*. As práticas seriam esquemas de operações e manipulações técnicas.

Ora, falar de operações e manipulações é admitir a presença impreterível dos sujeitos. Nesse sentido, Certeau (1998) afirma que tais procedimentos não se limitam nem aos escopos estratégicos das instituições históricas nem ao corte instaurado pela instituição da consciência; estes, todavia, parecem corresponder às características do que o autor chama de *táticas*. Nessa definição, as astúcias e surpresas desse conceito habitam nos gestos ladinos do *fraco* frente à ordem estabelecida pelo *forte*. De alguma maneira, as *táticas* passam pela *transgressão*. Aqui, Duran (2007) interpreta que a passividade dos sujeitos consumidores dá lugar a pequenas ações que desviam o uso original de produtos a um uso inventivo dos mais *fracos*.

É nessa compreensão de transgressão e resistência que o olhar de Certeau sobre as práticas cotidianas se difere da visão técnica racional, que, para organizar pessoas, estabelece um lugar, um papel e produtos a serem consumidos (DURAN, 2007). Essa lógica ordinária e hegemônica não consegue produzir uma coerência entre todos os afazeres dos indivíduos; e é a partir da reflexão a respeito dessas *incoerências* que se possibilita a discussão sobre as expressões criativas dos sujeitos, que geram uma interpretação alternativa para o cotidiano (BARROS E CARRIERI, 2015).

A partir dessa riqueza e complexidade de atividades humanas – e da sua valorização – nos estudos sobre o cotidiano (MARTINS, 2008), emerge a necessidade de uma análise que transcenda a estrutura e chegue às ações, trazendo uma abordagem de práticas organizadoras nos espaços (CERTÉAU, 1998). É sob essa ótica, que Certeau (1998) vê a necessidade de trazer uma diferenciação conceitual entre os termos *lugar* e *espaço*, com o objetivo de limitar um campo.

O autor entende *lugar* como algo estável, bem delimitado, onde impera a *lei do próprio*. Aqui o termo *próprio* se relaciona ao que ele chama de vitória do lugar sobre o tempo, ou

seja, a variabilidade de circunstâncias não afeta uma delimitação, o que a torna independente. Dessa forma, um lugar está mais ligado a sua própria utilidade, uma vez que pode ser, por exemplo, representado em um papel, produzindo a redução de operações a traços de um mapa (CERTEAU, 1998).

Ademais, Certeau (1998) defende ainda que existe outro efeito que denota essas demarcações: o domínio dos lugares pela vista; isto é, o que ocorre nessas configurações pode ser observado, medido e controlado. A subjugação absorve quaisquer movimentos estranhos.

Nessa conjuntura, associa-se a lugar o conceito de *estratégias* (LEITE, 2010), que é definido por Certeau (1998, p. 99) como “o cálculo (ou a manipulação) das relações de força que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado”. Essas estratégias designam as inscrições urbanas de quem detém o poder, que estão relacionadas a uma vida cotidiana supostamente estável e regular (ZUKIN, 1995 *apud* LEITE, 2010).

Dessa forma, Certeau (1998) faz predominar no conceito de *lugar* a visão de algo estático, a que ele chama de *configuração instantânea de posições*. É em contraste a essa configuração que se evocam as já citadas *táticas*, que não se dão em outro lugar que não seja o *do outro*; isto é, *joga-se* com o terreno que é imposto por uma ordem. Destarte, os movimentos táticos que ocorrem no lugar, bem como as descrições orais de lugares e percursos, começam a traçar a delimitação entre os conceitos: para Certeau (1998), o espaço é um *lugar praticado*.

Assim, o *espaço* é visto como o desdobramento de um conjunto de movimentos, como um efeito de operações que o orientam. Nessa conceituação, prevalecem os atos, as práticas, a maneira como o lugar é vivenciado e, portanto, praticado (CERTEAU, 1998).

Sob essa ótica, é possível notar que o termo *espaço* vincula-se a ideias de processos, de instabilidades e mudanças que podem transformar um mesmo lugar em diferentes espaços a partir de diferentes contextos.

Essas transformações podem depender, dentre alguns outros aspectos, da *variável tempo*. Esse caráter temporalizador reforça a ideia de instabilidade atribuída aos espaços; ou seja, interpreta-se que um lugar se transforma em espaço também a partir de um olhar sobre o período em que movimentos se dão nele (CERTEAU, 1998).

Assim, tal como a temporalidade determina essas conversões, o papel dos *sujeitos históricos* se solidifica nesse processo, uma vez que estes promovem ações nos espaços, formando um complexo de experiências distintas (CERTEAU, 1998).

Essas distinções entre as experiências também podem ser explicadas pelo aspecto provisório do espaço *certeauriano*. A ausência de demarcações bem definidas, isto é, o rompimento de fronteiras por meio de apropriações, configura a noção de cotidiano a partir das práticas (LEITE, 2010).

Nesse *jogo* de associar *lugar* a *estratégias*, e *espaço*, a *táticas*, ressalta-se que, em uma ampliação da distinção conceitual de Certeau, as *táticas* também podem produzir lugares, “na medida em que a formação das identidades urbanas também opera recortes no espaço como forma de demarcar, de modo relativamente estável, lugares como *territórios de subjetivação*” (LEITE, 2010, p. 748). O próprio Certeau (1998) comenta que, continuamente, lugares se transformam em espaços, e espaços, em lugares. Isso revela que não existe uma rigorosidade no esquema analítico de Certeau quando este se propõe a observar as práticas como ajustadoras dessa relação (LEITE, 2010).

Desse modo, na aplicabilidade dessa interpretação em pesquisas organizacionais, é possível verificar algumas das dimensões que demarcam essas transformações, e procurar entender sob que medida as práticas – ou os processos – determinam ou remontam configurações espaciais das organizações.

Assim, com o propósito de compreender os aspectos descritos nesta seção e na anterior, apresentam-se a seguir a abordagem metodológica e as técnicas utilizadas para a realização desta pesquisa.

5 Aspectos metodológicos

Este é um estudo de abordagem qualitativa, com uso de pesquisa exploratório-descritiva, na qual o pesquisador tem por objetivo descrever um determinado fenômeno, com ênfase na descoberta de ideias e discernimentos, e com base em conhecimentos teóricos anteriores, observando cuidadosamente o modo de descrição, registro e análise (MARCONI e LAKATOS, 2010).

Foi utilizada ainda a técnica de observação que, para Marconi e Lakatos (2010), trata-se de uma técnica de coleta de dados que objetiva conseguir informações, e que utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. De acordo com as autoras, a observação auxilia o pesquisador na identificação e na obtenção de provas sobre aquilo que os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento.

O tipo de observação escolhido foi a não-participante. Nessa técnica, o pesquisador estabelece contato com a realidade que deseja estudar, mas não se integra a ela. Sua posição diante dos fatos é a de presenciar, e jamais de interferir. Com um caráter sistemático, essa técnica conduz o pesquisador a um papel de espectador (MARCONI e LAKATOS, 2010).

Para este estudo que se desenvolveu na Feira Livre de Campo Grande, foram realizadas quinze horas de observação não participante, divididas em três dias de feira, durante o mês de maio de 2016. Apesar desse caráter de espectador de não interferência na realidade, alguns contatos foram feitos com alguns sujeitos no campo; entretanto, como essas esporádicas perguntas só se relacionaram a pequenos esclarecimentos a respeito da própria observação, elas não chegam se a enquadrar em nenhum tipo de conceito de técnica de entrevista.

Assim, em cada um dos três dias, foram feitas anotações de campo e, posteriormente, diários de campo.

Outra técnica empreendida, mas de maneira pontual, foi a pesquisa documental, cuja característica principal está no fato de a fonte de coleta de dados se restringir a documentos (MARCONI e LAKATOS, 2010). Neste trabalho a pesquisa documental foi o acesso a documentos públicos da prefeitura a respeito de números cadastrais da Feira Livre de Campo Grande.

É válido ressaltar ainda que, *exclusivamente*, para algumas descrições feitas na seção 6, foram consideradas as vivências e conhecimentos dos pesquisadores que, constantemente, passam pela avenida que recebe a feira livre, e há anos a conhecem. Contudo, nenhuma inferência foi feita com base em senso comum. As informações apresentadas são de conhecimento geral da cidade e apenas serviram como pano de fundo para aplicação inicial de conceitos teóricos.

Para o tratamento dos dados, foi utilizada a Análise de Conteúdo que, de acordo com Bauer (2010), trata-se de uma técnica que objetiva a análise de textos, e que utiliza um conjunto de procedimentos para a produção de inferências relevantes a respeito do texto. Desse modo, a análise se deu sobre as notas e diários de campos escritos durante a observação não participante.

Em muitos casos, a Análise de Conteúdo exige uma categorização e uma codificação dos dados que requerem a comparação de elementos comuns nos dados e seu agrupamento (BAUER, 2010). Assim, os autores desta pesquisa organizaram a análise conjugando as proximidades dos fenômenos observados a elementos conceituais do referencial teórico.

Posto isto, as próximas seções são o desdobramento dos dados coletados aos quais se adicionam as interpretações e inferências a partir da compreensão dos pesquisadores.

6 O *lugar* Avenida Expedito Garcia

A identificação ou descrição do objeto de estudo de uma pesquisa se faz necessária na maioria de pesquisas empíricas. Isso não seria diferente no presente trabalho; entretanto, a peculiaridade aqui se encontra na opção de os autores fazerem uma dupla identificação a partir do embasamento teórico que sustenta não necessariamente uma dicotomia, mas, no mínimo, uma diferenciação conceitual entre *lugar* e *espaço*.

Nesse sentido, identifica-se inicialmente o *lugar* Avenida Expedito Garcia, localizada no Bairro Campo Grande, do município de Cariacica-ES, onde *acontece* a Feira Livre de Campo Grande, uma organização que transforma semanalmente parte da avenida em *espaço*.

Não se pretende aqui afirmar que a avenida não possui movimentos que a tornam um *espaço* distintamente experienciado todos os dias. O próprio Certeau (1998) defende que as práticas estão sempre em atuação. Tratando-se de uma avenida quase que puramente comercial, seja devido à existência de várias lojas que a ocupam de uma extremidade a outra (organizações formais), seja pelos vendedores ambulantes, é possível supor que diversos percursos são descritos ali e que há várias experiências, como talvez a do próprio pedestre que transforma o espaço urbano ao caminhar pelas ruas (CERTEAU, 1998).

Apesar dessa compreensão, ao tomar como referência as práticas da Feira Livre de Campo Grande, a Avenida Expedito Garcia é, de fato, um *lugar*. Do final da tarde de domingo à noite de sábado, a avenida obedece a um funcionamento com regras e especificações. Os motoristas conduzem seus carros pela avenida na obrigação de seguir as regras de vias de mão dupla (mão e contramão), de semáforos, de faixas de pedestre, de proibição de estacionar em frente a garagens, e de respeito a outras sinalizações específicas. Pedestres, na sua maioria, trabalhadores e consumidores do comércio da avenida, também são limitados quanto ao momento certo, dado pela sinalização semaforica, de atravessar a rua e transitar pela avenida. Lojas, em sua grande maioria, abrem e fecham rigorosamente no mesmo horário, independentemente da presença de clientes. Taxistas possuem uma delimitação para estacionarem seus carros, e devem seguir uma ordem (*fila*) para o atendimento de clientes.

Ainda que entre alguns desses exemplos haja resistências e transgressões, elas são rapidamente absorvidas pelas regras já bem estabelecidas pelos *fortes* (CERTEAU, 1998) desse lugar: o departamento de trânsito, que multa os motoristas por suas infrações; os próprios motoristas, quando buzina para o pedestre que transita no momento errado pela rua; os gerentes e chefes, que controlam o horário de seus funcionários; e os próprios taxistas, que estabelecem controle entre si na obediência à *fila* de prestação de serviço.

Esses mecanismos de observação, medida e controle reforçam o caráter *panóptico* descrito por Certeau (1998) de um *lugar* onde opera a *lei do próprio*, onde as *estratégias* são articuladas pelos *fortes*. A Avenida Expedito Garcia – modo metonímico usado na região para designar a avenida – do final da tarde de domingo à noite de sábado, revela uma vida cotidiana que, do ponto de vista do trânsito de pessoas e materiais e de uma organização geral, possui estabilidade e regularidade. A avenida *venceu o tempo* e é, portanto, um *lugar*.

Na consideração de Certeau (1998) sobre a possibilidade de transformação de *espaços*, é na noite de sábado que o *lugar* Avenida Expedito Garcia *abre caminho* para o *espaço* Feira Livre de Campo Grande.

7 O espaço Feira Livre de Campo Grande e suas práticas organizativas

A Feira Livre de Campo Grande, como já mencionado na seção anterior, acontece na Avenida Expedito Garcia, no Bairro Campo Grande, do município de Cariacica-ES. Entretanto, de acordo com feirantes mais antigos, a feira nem sempre se organizou ali. No passado, a feira passou por dois locais: inicialmente, na rua que hoje dá acesso a um conhecido estádio de futebol da cidade e, depois, na rua de um importante hospital, no mesmo bairro.

Já aqui se encontram atributos de *organização com algo que acontece* a partir da *memória organizacional* (SCHATZKI, 2006) que, apesar do caráter de mobilidade da feira, dá a essa organização uma identidade e uma história compartilhada com o passar dos anos. Ademais, essas mudanças de locais ao longo do tempo revelam os aspectos de rompimento de fronteiras, do caráter provisório do espaço (CERTEAU, 1998; LEITE, 2010).

Antes de continuar essa análise, para uma melhor compreensão, é preciso definir alguns termos e expressões específicos do contexto da feira que doravante serão utilizados:

- *Tabuleiro*: é uma peça de madeira com um metro de largura e dois metros de comprimento. Este artefato serve de base para a exposição dos produtos.
- *Bacia*: é o utensílio que contém os produtos.
- *Venda à bacia*: é a forma como os produtos são comercializados. Esse método substitui a venda a quilo.
- *Xepa*: é a sobra de produtos não vendidos.
- *Hora da xepa*: é o momento o qual se aproxima do horário de término da feira, quando a xepa é vendida a um preço mais baixo.
- *Mercadoria que boia*: são os produtos que não foram vendidos nem mesmo durante a hora da xepa.
- *Baixar o preço até o forro*: é a ação do feirante na negociação na hora da xepa; nessa situação, o vendedor abaixa o preço do produto até o limite de cobrir o custo.

Atualmente, a feira ocupa 433 metros da Avenida Expedito Garcia, e conta com 253 feirantes e 662 tabuleiros (CARIACICA, 2016), que oferecem produtos diversificados, tais como hortifrutigranjeiros (frutas, legumes, verduras, ovos), carnes diversas, cereais, pescados, condimentos, caldo de cana, alimentos prontos para consumo (por exemplo, pasteis, milho verde e churrasco), queijo, pães, biscoitos, produtos de cama, mesa e banho, utensílios doméstico (como panelas), plantas, peças do vestuário, acessórios, produtos de perfumaria, produtos medicinais, jornal, DVDs, entre outros.

Os feirantes não são apenas de Cariacica. Alguns destes são também moradores de outras cidades do Espírito Santo. Esse agrupamento desvela parte da *malha de práticas* (SCHATZKI, 2006) com os *agentes diretamente envolvidos* com a organização da feira. Já a parte da malha que integra os processos com *agentes indiretamente envolvidos* é observada na relação feira-prefeitura, uma vez que esta última concede autorização formal para o acontecimento da feira, e possui o cadastro dos feirantes. O que ainda reforça essa malha de práticas no envolvimento com a prefeitura, é a presença de um fiscal durante a realização e a limpeza pelos *garis* no encerramento – todos servidores da prefeitura.

Deve-se ressaltar aqui que a utilização dos termos *agentes diretamente envolvidos* e *agentes indiretamente envolvidos* foi uma opção dos autores dessa pesquisa a fim de facilitar a compreensão do conceito de *malha de práticas* (SCHATZKI, 2006) aplicado a esta situação específica. Na verdade, a ausência de fronteiras no *organizar* da feira faz com que esses *agentes* se confundam nas práticas, o que eliminaria a ideia de *ambiente interno* e *ambiente externo* de uma organização – todos os *agentes* são participantes do *acontecimento*.

Ainda mais, o fato de alguns feirantes, em outros dias da semana, exporem seus produtos em outras feiras menores de outros bairros corrobora com o pensamento de

eliminação de fronteiras (SOUZA, COSTA e PEREIRA, 2015), uma vez que há uma certa dificuldade de *localizar* esses sujeitos *dentro* de uma organização *fechada*.

Uma leitura superficial sobre a autorização de funcionamento e ocupação da avenida pela prefeitura poderia conduzir o leitor ao pensamento de que a *apropriação do espaço* (CERTEAU, 1998) com o uso de *táticas* não se aplicaria ao contexto da feira, uma vez que aparentemente, esse acontecimento, não passa pela *transgressão*. Entretanto, o que se verá mais adiante é que a transformação do *lugar avenida* em *espaço feira* é permeada por nuances que denotam que a organização se utiliza do *espaço do outro* para acontecer.

Por mais que pareça contraditório que, em um estudo que aborde a visão *certeauriana* de *espaço* – que, a princípio, não pode ser contemplado em sua essência em um mapa – se faça uma figura representativa de onde ocorre a feira, essa opção se deu apenas em função do objetivo de proporcionar uma visualização mais clara do *acontecimento* da feira ao longo do seu *tempo real* (SCHATZKI, 2006). Destaca-se também que o *mapa da feira* apresentado na Figura 1 não obedece a proporções de escala; é meramente ilustrativo.

A parte da avenida onde acontece a feira é cortada por uma rua transversal (que na verdade é a junção da Rua Santa Marta e da Rua Nelson Corrêa) que a divide em Bloco 1 e Bloco 2 (nomenclatura dos autores desta pesquisa), como pode ser visto na Figura 1. Na mesma figura, podem ser vistas o que os autores desta pesquisa denominaram “Alas” (de tabuleiros): Alas A, B, C e D, nas extremidades da avenida (sem ocupação da calçada), e Alas E e F, localizadas entre as demais alas, no meio da avenida. Além disso, existem a Rua João Lopes Rogério e a Rua da Matriz que prestam auxílio na carga e descarga dos caminhões, que fazem o transporte de mercadorias para a feira, e também para o estacionamento tanto dos próprios caminhões quanto de carros menores de feirantes e moradores. Por fim, a figura contempla ainda a Ala G, uma área mais destacada e a mais *espaçada* da feira, onde são expostos e vendidos pescados e aves.

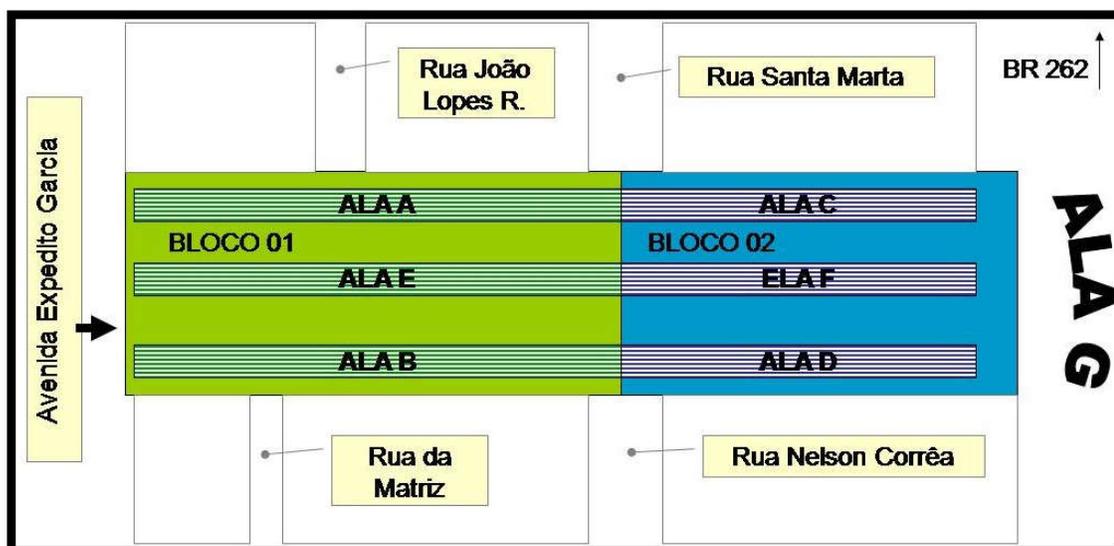


Figura 1: Mapa da Feira

Para a compreensão da cadeia de atividades que compõem o *organizar* da Feira Livre de Campo Grande, os autores desta pesquisa dividiram a descrição do processo em quatro momentos: preparação, montagem, venda e encerramento, que serão analisadas nas subseções a seguir.

7.1 Preparação

Entender a uma organização *como algo que acontece* requer a consideração de todas as ações que ocorrem do seu início ao fim (SCHATZKI, 2006). Ao aplicar essa visão à feira, não se pode tomar a perspectiva do freguês, que chega à Expedito Garcia no domingo bem cedo para fazer suas compras. Para este, a feira começa a partir da *abertura dos tabuleiros* para a comercialização. Contudo, na abordagem de *malhas de práticas e arranjos materiais*, essa análise é bem mais ampla.

Assim, a *preparação* se inicia de três formas distintas. A primeira delas é na extração dos produtos por aqueles que os vendem diretamente na feira; por exemplo, a colheita pelos agricultores, abatimento de animais e o momento da pesca. Neste caso, os produtos não passam por nenhuma intermediação até o momento de sua exposição.

Já na segunda possibilidade, existe uma intermediação: a *preparação* é iniciada na compra que, em sua maioria, ocorre na CEASA (Central de Abastecimento do Espírito Santo), uma organização mista que faz o papel intermediador entre os produtores – incluem-se aqui agricultores e pescadores – e os feirantes. Geralmente, essa compra é feita na sexta-feira de madrugada. Os feirantes que adotam esse método argumentam que, nesse dia e horário, é possível fazer uma boa negociação de preço e encontrar produtos de qualidade – diferenciais na hora de *conquistar o freguês na feira*.

A terceira e última instância da *preparação* se dá quando alguns fornecedores fazem a entrega dos produtos diretamente para os feirantes em suas residências.

Esse primeiro processo ainda não envolve as questões *espaciais* da Avenida Expedito Garcia. Na verdade, é na transição entre a *preparação* e a *montagem* que se inicia a transformação de *lugar* em *espaço*.

7.2 Montagem

A *montagem* obedece a uma sequência espaço-temporal que é descrita a seguir; mas já é válido ressaltar que essa ordem parece ser um acordo informal entre os feirantes do passado, que é respeitado até então. Não existe uma regra oficial para esse processo. Nem mesmo a prefeitura interfere nessa questão. Isso dá à feira características que fogem do conceito tradicional de organização, corroborando com os estudos de Weick (1979 *apud* CZARNIAWSKA, 2005) que se distanciam da racionalidade formal de regras explícitas e de ordem hierárquica.

As primeiras movimentações que revelam a feira – agora, já na avenida – são realizadas no sábado à noite, quando alguns feirantes deixam alguns tabuleiros pelas calçadas da Expedito Garcia, antes mesmo do horário formal de interdição concedido pela prefeitura. Aqui já se nota uma prática que desestabiliza a ideia de *lugar* daquela avenida: a criatividade dos sujeitos, citadas por Certeau (1998), deflagram as *maneiras* (próprias) *de utilizar* a ordem imposta.

Na virada de sábado para domingo, o Bloco 1 (ver Figura 1) é interditado com cones, que são colocados pelo feirante que é proprietário do ponto de venda de um dos extremos do Bloco. A partir desse momento, inicia-se a chegada de caminhões pelas ruas transversais. Muitos feirantes, contudo, não dispõem de carros de grande porte, necessitando, assim, fazer mais de uma viagem para transportar toda mercadoria até o seu ponto de venda.

Simultaneamente ao descarregar de produtos desses carros acontece a montagem dos tabuleiros. Essa montagem começa nas extremidades laterais, ou seja, nas Alas A e B.

Ao adentrar a madrugada de domingo, o Bloco 1 já está com um bom número de tabuleiros montados nas Alas A e B, enquanto já se inicia a interdição do Bloco 2 e a montagem de tabuleiros nas suas alas extremas (C e D).

No meio da madrugada, os tabuleiros das Alas C e D estão todos montados. É nesse momento que se inicia a montagem de tabuleiros nas Alas E e F. Embora os feirantes não saibam explicar a razão de as Alas E e F serem montadas por último, observou-se que há necessidade de um espaço vazio entre as alas das extremidades (A-C e B-D) para um melhor fluxo de pessoas e materiais.

Perto do amanhecer, os tabuleiros das carnes (pescados e aves) são montados na Ala G, próxima à BR 262; é por essa rodovia, inclusive, que chegam os transportes para essa ala, visto que todos os outros acessos já estão interditados a essa altura do dia. Essa ala forma na verdade um círculo. É um espaço mais diferenciado porque possui um *meio* mais amplo. A finalização da disposição dos tabuleiros neste momento é o sinal de que a feira está montada.

Talvez nesse processo de *montagem* esteja a melhor visualização dos fenômenos que formam o conceito de *arranjos materiais*. É visível que nas práticas de *montagem* da feira há uma consonância com os argumentos de Schatzki (2006), que abordam nesse conceito a inclusão de diversos elementos humanos e não humanos. No caso da feira, existe uma relação de ação e suporte que envolve os próprios montadores (feirantes donos dos pontos de venda e seus ajudantes), tabuleiros, ferramentas, caixas de isopor, bacias, baldes, balanças, caminhões, cones para interdição da avenida e os próprios produtos a serem vendidos. Todos esses elementos foram observados numa interação que quase impossibilita seu desmembramento para fins de análise.

Na *montagem* de tabuleiros, não existem demarcações formais que determinem a posição onde estes devem se colocar; entretanto, feirantes demarcam suas posições a partir de elementos que constituem a avenida. Isso foi observado quando um ajudante disse que o espaço para o tabuleiro de seu patrão era entre o bueiro e a faixa de pedestre. Ora, na ausência de um *próprio* que lhe seja *concedido*, os sujeitos *jogam com o terreno que lhes é imposto* (CERTEAU, 1998).

Durante toda a madrugada as movimentações se harmonizam entre os feirantes que, apesar de na maioria das vezes serem concorrentes entre si, não parecem considerar esse fato como uma ameaça; pelo contrário, existe uma cooperação; não necessariamente de ajuda na montagem de tabuleiros, mas na concessão de espaço e espera numa cadeia de ações para um fluxo inteligente de materiais. Aqui há uma regra implícita que é indiscutivelmente seguida. Dessa maneira, essas posturas denotam que há um consenso sobre o que deve ser feito; em outras palavras, os feirantes possuem um objetivo em comum: fazer a feira *acontecer*. Esse fenômeno se alinha à visão epistemológica de Schatzki (2006) a respeito de *práticas*. Para o autor, quando objetivos em comum estão presentes nas ações de sujeitos e são associadas a regras (que podem ser aceitas ou não), isso se configura também em *práticas*.

É também nessa perspectiva, que a feira se apresenta como uma organização diferenciada frente a indústrias e varejos tradicionais (SOUZA, COSTA e PEREIRA, 2015), porque na sua *configuração* habita simultaneamente a concorrência e a cooperação. Na Feira Livre de Campo Grande, todos se unem porque possuem, no mínimo, um objetivo comum: vender. Assim, a próxima subseção detalhará como a prática de vender se dá durante as manhãs de domingo.

7.3 Venda

O terceiro processo da Feira Livre de Campo Grande, a *venda*, é iniciado após a montagem da Ala G. Apesar de alguns fregueses já aparecerem na madrugada para realizar

suas compras, é de manhã que os feirantes começam intensamente a comercialização de seus produtos.

Algumas vendas de hortifrutigranjeiro são realizadas a quilo; porém, em sua maioria, a *venda é à bacia*. Observou-se que, enquanto a *venda a quilo* é realizada por feirantes que são os próprios produtores, a *venda à bacia*, geralmente, é feita por feirantes que comprem seus produtos da CEASA.

Nesse método de comercializar produtos, geralmente, o *freguês* só tem a opção de levar o que está dentro da bacia, sem trocas de produtos. Considera-se, no entanto, que a Feira é também um espaço de negociação, uma vez que, dependendo da quantidade de produtos levados, alguns fregueses conseguiam negociar trocas entre as bacias, conjugando, por exemplo, em uma bacia só, dois produtos diferentes.

É importante parar aqui para considerar que a *freguesia* participa ativamente desse processo. Sem esta, não faria sentido o *organizar* da feira. Esses sujeitos não podem, portanto, ser separados da análise. Dessa forma, eles compõem a *malha de práticas* que tornam a feira um *acontecimento* (SCHATZKI, 2006). Do mesmo modo, os *fregueses* participam das transformações de espaço por meio de *táticas*. Ora, se a negociação por trocas de produtos é uma tentativa de subverter a ordem estabelecida pelo vendedor, novamente se percebe a criação de uma *maneira de fazer*; neste caso, as operações se relacionam à maneira de comprar. Nesse sentido, observa-se certa *sobreposição* de *táticas*; afinal, o vendedor procura condicionar sua flexibilidade à compra de mais produtos pelo *freguês*. De ambos os lados, há ações calculadas que procuram a conquista de um *lugar próprio* (CERTEAU, 1998).

Assim, em meio a negociações e gritos de anúncios de produtos, as vendas se dão por toda a extensão das alas durante toda a manhã do domingo. Este, entre os quatro processos delimitados para a descrição da feira, pode ser considerado o *auge* da organização enquanto *acontecimento*.

7.4 Encerramento

Neste último processo organizativo, várias atividades se sobrepõem entre si, criando uma movimentação muito intensa e, aparentemente, desordenada. A feira, nos últimos minutos, altera a cada instante a sua própria configuração do *espaço*. Tal como afirma Certeau (1998), a instabilidade do espaço é destacada diante da *variável tempo*, que também é responsável pelas transformações do *lugar praticado*. No caso da Feira Livre de Campo Grande, essas transformações se dão de maneira muito efêmera dado ao verdadeiro *correr* que acontece na sua finalização. Aqui também a *malha de práticas* é tão bem *costurada* que fica difícil fazer uma análise desmembrada por elementos.

Fazem parte deste *encerramento*: a separação de produtos aproveitáveis para a feira da semana seguinte, a *hora da xepa*, a desmontagem de tabuleiros e a limpeza da avenida pela prefeitura. Apesar de cada ponto de venda seguir essa ordem de atividades (à exceção da limpeza), essas ações se dão quase que simultaneamente.

Os feirantes que vendem produtos perecíveis verificam quais destes serão novamente expostos para a comercialização e os separam dos demais. Os produtos que sobram são a *xepa*. Enquanto isso acontece com as alas internas da avenida (A, B, C, D, E e F), a Ala G já precisa iniciar sua desmontagem para liberar espaço para os *garis* que precisam iniciar a limpeza a partir do horário de término das vendas estipulado pela Prefeitura de Cariacica (13h).

Assim, como um *rolo compressor*, a feira vai se desfazendo a partir da extremidade próxima à BR 262. A limpeza vem *empurrando* os feirantes forçando a desmontagem das alas internas e, nessa *correria*, a *hora da xepa* está no seu ápice. Este é o momento que ocorre a

eclosão de vários interesses: primeiro, dos feirantes que não querem perder os produtos, mas também não querem dá-los; segundo, de fregueses que aproveitam o momento para tentar levar muito produtos a baixo custo; e por fim, de indivíduos que querem receber doações, sejam estas pessoas carentes, sejam os próprios garis, que muitas vezes se beneficiam levando alimentos para casa.

É na *hora da xepa* (concomitante com a desmontagem e limpeza) que os feirantes fazem de tudo para escoar os últimos produtos. *Baixar o preço até o forro* é o último recurso, mas quando não há mais jeito, o preço é baixado para no mínimo cobrir os próprios custos. Quanto mais se aproxima o *rolo compressor*, maior a possibilidade de se comprar mais barato. Quando, contudo, nem mesmo a queda de preços garante a *limpa* do tabuleiro, isto é, quando as *mercadorias boiam*, os feirantes precisam optar pelo descarte ou pela doação.

Nesse *jogo desesperador* de encerramento da feira, muitos vendedores ainda resistem ao *empurrar* de finalização do dia. Atrasos se dão em função da insistência em tentar evitar prejuízos. Impera também aqui uma *apropriação de espaço* revelada no *aproveitamento de uma ocasião*, na operação de *golpe por golpe, lance por lance* (CERTEAU, 1998). Os sujeitos desse contexto tentam, minuto a minuto, se utilizar da ocasião numa astúcia que se desvia dos olhares dominantes. O que parece prevalecer é o aproveitamento de falhas descrito por Certeau (1998) – *enquanto o fiscal não vem...*

Uma possibilidade alternativa de encerramento da Feira Livre de Campo Grande é quando há tabuleiros sendo desmontados antes da hora oficial. Isso é sinal de que as vendas foram boas e de que se esgotou o estoque previsto para o dia. Essa variabilidade no encerramento do processo de vendas também reforça o caráter informal de uma feira livre, que, apesar de ter a obrigação de obedecer a uma regra da Prefeitura de não ultrapassar o limite de horário, tem a opção de antecipar o fim do expediente diante dos resultados do dia.

Desse *encerramento*, que ocorre das extremidades para o meio, vão-se eliminando as ações uma a uma, até que apenas a equipe de limpeza permaneça no local. Assim, o espaço vai voltando a ser lugar (CERTEAU, 1998) gradativamente até o último *ato* que compõe esse processo: a retirada dos cones e a liberação do trânsito de veículos pela avenida.

A partir desse momento, voltam a imperar as ordens do *lugar* Avenida Expedito Garcia. Os semáforos que, durante a feira, operavam sem surtir efeito algum, agora passam a ditar novamente como se deve operar o fluxo de veículos. Quem antes andava entre as alas de tabuleiros no meio da avenida precisa voltar para as calçadas e para as faixas de pedestre. O *lugar* deixa de ser praticado, e volta a subjugar o tempo.

8 Considerações finais

Esta pesquisa procurou, por meio de uma abordagem qualitativa e, essencialmente, por meio das técnicas de observação não participante e de análise de conteúdo, descrever os arranjos de processos organizativos da Feira Livre de Campo Grande no município de Cariacica no Estado do Espírito Santo, a partir da proposta ontológica de uma organização que *acontece*, por meio da abordagem de *malhas de práticas e arranjos materiais* (SCHATZKI, 2006), dentro da visão conceitual de *organizing*.

Além disso, objetivou-se compreender como se dão as transformações espaciais por meio das práticas da feira. Para esse fim, buscou-se o embasamento teórico a respeito da diferenciação conceitual entre *lugar* e *espaço* na perspectiva de Michel de Certeau (1998).

Dessa maneira, para descrever cada *etapa* da organização da feira, os autores dessa pesquisa dividiram em quatro os processos organizativos desse fenômeno: preparação, montagem, venda e encerramento. Cada uma dessas nuances permitiu a reflexão tanto sobre como se pode pensar uma *organização como algo que acontece* como também sobre de que

forma os sujeitos envolvidos nessas configurações podem, a partir de suas práticas, transformar *lugares* em *espaços*. A Feira Livre de Campo Grande se assemelha em muitos pontos a esses aspectos.

Verificou-se que o *acontecer* da feira conta com o suporte de objetos materiais (humanos e não humanos) e que a *malha de práticas* envolve vários entes tais como os próprios feirantes (e seus ajudantes), os fregueses e a prefeitura.

Por meio deste estudo, compreendeu-se também que a Avenida Expedito Garcia, sob a ótica de Cerneau (1998), e na perspectiva do *acontecimento* da feira livre, é um *lugar*, que, em todos os domingos é *praticado*, e, portanto, se torna em *espaço*.

Essa transformação lugar-espaço que passa pelas *táticas* ligadas a *transgressão* (CERTEAU, 1998), inicialmente foi questionada devido à liberalidade do uso da avenida para a realização da feira por meio da autorização da prefeitura. O que se notou, entretanto, é que as apropriações de espaço da feira se dão em sutis fenômenos dissolvidos entre as práticas de organizar.

Vale destacar que o *tempo real* da organização da feira se aproxima mais do tipo teleológico, descrito por Schatzki (2006) do que do tipo objetivo, visto que sua cadeia de ações é tão homogênea e entrelaçada que o passado, presente e futuro *se sobrepõem*, fazendo com que a preparação, a montagem, a venda e o encerramento da feira constituam indissociavelmente o *acontecimento* Feira Livre de Campo Grande.

Ademais, outros fatos observados merecem destaque: a mudança da rota de ônibus que passam pela avenida é alterada dominicalmente por causa da feira; o posto de gasolina localizado na Avenida Expedito Garcia é interditado durante todo o *acontecimento*; e, o comércio local abre suas portas e, devido à grande circulação de fregueses da feira, possui maiores possibilidades de vendas.

Isso demonstra a força que feiras podem atingir em espaços urbanos. A Feira Livre de Campo Grande interfere no cotidiano desse bairro e em parte do município; *invade* os espaços ao não se deixar se subverter pelo *lugar*; revela-se enquanto uma organização sem fronteiras, mas, ao mesmo tempo, *se fecha* de tal forma que o seu entorno precisa se adaptar a ela. A feira possui seu caráter processual, instável e dependente do tempo para realizar suas transformações.

Assim, a contribuição desse estudo habita no auxílio à reflexão a respeito de cadeias de práticas organizacionais. A partir dessa pesquisa, o debate sobre fronteiras e sobre conceitos tradicionais de organização pode ser ampliado ao ponto de valorizar uma abordagem de construção social.

A limitação principal, contudo, está no fato de que, para o desenvolvimento desse estudo, utilizou-se essencialmente a técnica de observação; e, como a *malha de práticas* da feira engloba os mais diversos agentes, propõe-se uma pesquisa que dê voz a todos os entes envolvidos, talvez pelo método etnográfico e pela observação participante.

9 Referências bibliográficas

ÂNGULO, J. L. G. Mercado local, produção familiar e desenvolvimento: estudo de caso da feira de Turmalina, Vale do Jequitinhonha, MG. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 5, n. 2, p. 96-109, jul.dez.

BARROS, A.; CARRIERI, A. P. O cotidiano e a história: construindo novos olhares na Administração. **Revista de Administração de Empresas**, v. 55, n. 2, p. 151-161, 2015.

- BAUER, M. Análise de conteúdo clássica. In: BAUER, M. W; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução: Pedrinho A. G. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- CARIACICA. Prefeitura. Secretaria Municipal de Desenvolvimento da Cidade e Meio Ambiente. **Cadastro de feirantes de Campo Grande**. Cariacica, 2016.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3. ed. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CZARNIAWSKA, B. Karl Weick: Concepts, Style, and Reflection. **Sociological Review** 53(s1): 267 – 278. November, 2005.
- DUARTE, M. F.; ALCADIPANI, R. Contribuições do Organizar (Organizing) para os Estudos Organizacionais. **Organizações & Sociedade**, v. 23, n. 76, p. 57-72, 2016.
- DURAN, Marília Claret Geraes. Maneiras de pensar o cotidiano com Michel de Certeau. **Revista Diálogo Educacional**, v. 7, n. 22, p. 115-128, set./dez. 2007.
- FORMAN, S. **Camponeses: sua participação no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- LEITE, Rogerio Proença. A inversão do cotidiano: práticas sociais e rupturas na vida urbana contemporânea. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 53, n. 3, p. 737-756, 2010.
- MALUF, R. S. **Ações públicas locais de abastecimento alimentar**. Polis Papers, Rio de Janeiro: nº 5, 1999.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragem e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MARTINS, J. S. **A sociabilidade do homem simples**. Hucitec: São Paulo, 2008.
- RIBEIRO, E. M. *et al.* Programa de apoio às feiras e à agricultura familiar no Jequitinhonha mineiro. **Agriculturas**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 5-9, 2005.
- SCHATZKI, T. R. **On Organizations as they Happen**. *Organization Studies* 27(12): 1863–1873. 2006.
- SILVESTRE, L. H. A.; RIBEIRO, A. E. M.; FREITAS, C. S. Subsídios para a construção de um programa público de apoio à feira livre no Vale do São Francisco, MG. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 13, n. 2, p. 186-200, 2011.
- SOUZA, E. M.; COSTA, A. S. M.; PEREIRA, S. J. N. A Organização (in)corporada: ontologia organizacional, poder e corpo em evidência. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 13, n. 4, p. 727-742, 2015.